

Paisagem vernacular na Vila Alvorada – Dourados/MS: análise baseada na experiência hodológica

Vernacular Landscape in Vila Alvorada – Dourados/MS: hodological based analysis

Paisaje vernáculo en Vila Alvorada – Dourados/MS: análisis basado en la experiencia hodológica

Bruno José Rodrigues Frank – bruno.j.frank@gmail.com
Professor da Universidade Federal da Grande Dourados
Orcid : <https://orcid.org/0000-0001-7988-3894>

Resumo

Este artigo procura interpretar a Paisagem Vernacular na região da Vila Alvorada em Dourados- MS (Jardim Clímax, Vila Alvorada e Jardim Tropical). Ao tomar o bairro como unidade, procede a uma análise baseada na experiência hodológica que valoriza os percursos, os ritmos e as experiências cotidianas no espaço urbano. Realizada periodicamente entre 2022 e 2024 tem-se como objetivo central compreender como elementos físicos, simbólicos e afetivos presentes na paisagem revelam as dinâmicas sociais, culturais e morfológicas de uma cidade média brasileira. Registros fotográficos e conversas informais com moradores, buscando compreender como a vida cotidiana se inscreve na paisagem. A observação atenta de ruas, calçadas, árvores e construções revelou permanências como traçado, as casas de madeira e os quintais arborizados — e transformações recentes tais como a verticalização, as galerias comerciais e as kitnets estudantis. Tais elementos, mais do que compor um cenário, expressam modos de habitar e resistir, formas de pertencimento e sentidos de lugar.

Palavras-chave: Pedagogia urbana, Cidade média, Hodologia, Dourados.

Abstract

This paper aims to interpret the Vernacular Landscape of Vila Alvorada (a great neighborhood area which includes the neighboring Jardim Clímax, Vila Alvorada, and Jardim Tropical) based in Dourados, Mato Grosso do Sul, Brazil. By taking the neighborhood as the unit of analysis, it develops an interpretation based on the hodological experience, which values routes, rhythms, and everyday practices in urban space. Conducted periodically between 2022 and 2024, the central aim is to understand how physical, symbolic, and affective elements present in the landscape reveal the social, cultural, and morphological dynamics of a medium-sized Brazilian city. Photographic records and informal conversations with residents were used to explore how everyday life inscribes itself in the landscape. Careful observation of streets, sidewalks, trees, and buildings revealed continuities—such as the grid layout, wooden houses, and tree-filled yards—and recent transformations—such as verticalization, commercial galleries, and student housing. These elements, more than composing a backdrop, express ways of dwelling and resisting, forms of belonging, and senses of place.

Key words: Urban pedagogy, mid-sized cities, Hodology, Dourados.



Resumen

Este artículo busca interpretar el Paisaje Vernáculo en la región de Vila Alvorada en Dourados-MS (Jardim Clímax, Vila Alvorada y Jardim Tropical). Al tomar el barrio como unidad, procede a un análisis basado en la experiencia hodológica que valora los recorridos, los ritmos y las experiencias cotidianas en el espacio urbano. Realizada periódicamente entre 2022 y 2024, tiene como objetivo central comprender cómo elementos físicos, simbólicos y afectivos presentes en el paisaje revelan las dinámicas sociales, culturales y morfológicas de una ciudad media brasileña. Se utilizaron registros fotográficos y conversaciones informales con habitantes, buscando comprender cómo la vida cotidiana se inscribe en el paisaje. La observación atenta de calles, aceras, árboles y construcciones reveló permanencias —como el trazado, las casas de madera y los patios arbolados— y transformaciones recientes tales como la verticalización, las galerías comerciales y las "kitnets" (estudios) estudiantiles. Tales elementos, más que componer un escenario, expresan modos de habitar y resistir, formas de pertenencia y sentidos de lugar.

Palabras-clave: Pedagogía urbana, Ciudad media, Hodología, Dourados.

Recebido em: 15/06/2026
Aceito para publicação: 22/06/2026
Publicado: 16/08/2026

Introdução

Dourados, assim como muitas cidades médias brasileiras, passou por uma intensa expansão nos últimos cinquenta anos. O crescimento urbano se deu, sobretudo, com a abertura de loteamentos que avançaram sobre áreas periurbanas, tanto por meio de projetos privados de venda de terrenos quanto por conjuntos habitacionais promovidos pelo Estado. Esse processo resultou na formação de uma rede intraurbana complexa, marcada pela diversidade de usos e funções. Hoje, Dourados concentra grande parte dos serviços que abastecem a região da Grande Dourados, o que a enquadra como cidade média e capital regional (CALIXTO, 2017).

É nesse contexto que se insere a área de estudo deste artigo: um conjunto de bairros conhecido genericamente como Vila Alvorada, localizado na porção leste do município. A região, que reúne o Jardim Clímax, o Jardim Tropical e a Vila Alvorada propriamente dita, apresenta adensamento urbano efetivo a partir da década de 1960 e constitui um recorte privilegiado para compreender a dinâmica da paisagem na região.

Figura 1 - Mapa de localização da área de estudo – Jardim Clímax, Vila Alvorada e Jardim Tropical



Fonte: Webgis, 2024 e Google Maps 2025, adaptado Org: autor, 2025.

Os critérios adotados para o recorte da área de estudo consideraram a proximidade temporal dos processos de ocupação urbana, os usos predominantes do solo e a morfologia urbana comum entre os bairros analisados.

O objetivo é interpretar a Paisagem Vernacular, a partir dos levantamentos e observações de campo realizados ao longo do ano de 2022, 2023 e 2024. Buscamos conectar os fenômenos e processos observados às mudanças na paisagem ao longo do tempo, articulando dados objetivos com percepções construídas *in loco*. As caminhadas pelo território — as “caminhanças”, a hodologia — permitiram observar a paisagem em movimento, em sua dimensão vivida e cotidiana.

O termo hodologia, no contexto da Geografia, refere-se à análise das rotas, conexões e dinâmicas espaciais, especialmente no que diz respeito à movimentação de pessoas, mercadorias, informações e capital. O termo, originado do grego *hodos* (caminho) e *logos* (estudo), investiga a organização e o impacto dos percursos na configuração do espaço geográfico. Ultrapassamos o traçado técnico das vias, para se debruçar sobre o modo como os sujeitos caminham, percebem, sentem e atribuem sentido à Paisagem Vernacular, que se compreende como:

[...]Paisagem que tenha se constituído ao redor das atividades do cotidiano (sejam econômicas ou não) e cujas características se associem ao uso continuado. Tais paisagens podem ter evoluído organicamente, a partir de adições residuais do tempo ou a partir de diretrizes gerais de organização do território (dimensão de lotes, traçado de estradas, p.ex.), mas sem perder os contornos próprios dos indivíduos ou grupos que as realizaram. Podem também apresentar significados e simbolismos associados a estes mesmos grupos ou atividades (FRANK; YAMAKI, 2021, p.148).

Foram utilizadas ferramentas de análise do tecido urbano, considerando aspectos tipológicos, morfológicos, fluxos, tipologia das edificações, dentre outros associados ao trabalho de campo. Os significados atribuídos à paisagem pela/por moradores foram objeto de entrevistas e diálogos informais. Elementos como mobiliário urbano, traçado viário, calçamento e arborização por serem fundamentais ao caminhar foram compreendidos enquanto elementos simbólicos e não apenas como estruturantes (passeio).



A grade de leitura

A leitura da Paisagem Vernacular exige uma abordagem sensível, capaz de captar não apenas elementos materiais do espaço urbano, como também os fluxos, ritmos e afetos que o constituem cotidianamente. Nesta seção, propomos uma “grade de leitura” como instrumento interpretativo que orienta a observação dos componentes físicos, sociais e simbólicos da paisagem, a partir da experiência hodológica e do contato direto com o território. Parte desta grade vem sendo desenvolvida ao longo dos anos na pesquisa específica desta temática e encontram-se condensadas na tabela 1, a qual adicionamos dois novos itens (traçado e zoneamento).

Por se tratar de uma manifestação da Paisagem Vernacular em áreas urbanas, as transformações intensas dificultam a adoção de uma mesma metodologia unificada, principalmente se comparadas com áreas rurais (mais “horizontalizadas”). É importante que a leitura da Paisagem poderá variar de bairro para bairro e cidade¹ para cidade, criando uma experiência única em cada lugar.

Tabela 1 - Síntese geral de características e componentes da Paisagem Vernacular

PROCESSOS E FATORES	
AMBIENTE NATURAL	Implantação, resiliência e adaptação.
TRADIÇÃO (CULTURAL)	Construção de um ideal ou concepção Concentração (versus dispersão).
CONTINUIDADE	Duração de gerações Continuidade de uso

¹ Isso é claro, considerando também as diferenças na percepção dos autores, filiações epistemológicas, contexto etc. Neste trabalho procuramos estabelecer uma grade comum para interpretação com vistas a reprodução em outros contextos/realidades, porém sem a pretensão de um conjunto definitivo.

	Deslocamento e dispersão
FORMA OU COMPONENTES	
LIMITES OU FRONTEIRAS	Delimitação da área de influência
ESTRUTURAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO	Questões simbólicas e funcionais associadas com a hierarquia e distribuição dos elementos e.
REDE DE CAMINHOS	Sistemas de estradas locais, lógica de implantação e impacto das estradas na ordem social.
VEGETAÇÃO UTILITÁRIA OU NATURAL	Continuidade plantio ou usos tradicionais (pasto, café, ex.)
EDIFICAÇÃO OU GRUPOS DE EDIFICAÇÕES	Tipologia e agrupamento
TRAÇADO	Demonstra marcas históricas e define caminhos, acessos e relações espaciais. Tende a permanecer, funcionando como testemunho material das fases anteriores de ocupação
ZONEAMENTO	Instrumento normativo que orienta os usos do espaço, influenciando diretamente a conformação da Paisagem Vernacular. Expressa a ação do Estado
Fonte: (FRANK; YAMAKI, 2021, adaptado).	

Mas qual o motivo da escolha do bairro ou do conjunto de bairros como unidade de análise? Esta escolha é importante e justifica-se, pois, no contexto urbano, tais unidades refletem periodizações, avanços e mudanças no uso do solo o



que permite uma análise pormenorizada da dinâmica da Paisagem Urbana e seus processos formativos. Cordeiro et al (2024), ao falarem de Lisboa e seus bairros sintetizam perfeitamente esta escolha:

[...] os bairros constituem unidades sócio espaciais problemáticas em si próprias. São partes ou pedaços de uma cidade, com dimensões e configurações variáveis, incorporando histórias particulares e relações incertas e instáveis com as menores unidades administrativas portuguesas, as freguesias. Os bairros são, pois, lugares bons para procurar, identificar, inquirir, questionar a cidade (CORDEIRO et al, 2024, p.227, adaptado).

A caminhada, enquanto prática espacial, nos permite perceber as permanências e transformações que marcam a paisagem Vernacular, o sistema de objetos e ações (SANTOS, 1996), assim, o espaço não se revela apenas por sua materialidade visível, mas por meio dos fluxos, ritmos e práticas que o atualizam diariamente. A percepção depende muito do ritmo/passada do observador (influência na percepção), além, é claro do período da realização do passeio.

O traçado é o primeiro elemento de permanência imposto à malha urbana. A paisagem Vernacular está profundamente relacionada ao traçado urbano, pois este constitui a base física sobre a qual se desenvolvem os usos cotidianos, as permanências e as transformações do espaço vivido. O traçado — entendido como o desenho das ruas, quarteirões, lotes e conexões viárias — molda os caminhos, os fluxos e os encontros, influenciando diretamente a forma como os moradores se apropriam e atribuem sentido ao lugar. Em áreas com origem rural ou periférica, como no caso da Vila Alvorada, o traçado herdado de antigas chácaras ou fazendas (com malha xadrez e lotes amplos) permanece como uma marca da história, mesmo diante de mudanças nas edificações e nas dinâmicas sociais. Assim, o traçado urbano funciona como estrutura resistente que organiza a paisagem Vernacular e possibilita a leitura de camadas temporais, revelando continuidades entre passado e presente no espaço urbano.

O zoneamento tem um papel importante também, como sabemos, as diretrizes de organização em uma Paisagem são fundamentais para sua estruturação. No caso, os diferentes planos urbanos demonstram intenções do Estado (na figura da prefeitura, em grande medida) assim como os interesses do setor imobiliário, e em menor escala os interesses das comunidades ou da sociedade em geral.



Na Paisagem Vernacular, principalmente em áreas urbanas, coabitam duas diretrizes, a pessoal, mais orgânica dos individuais e suas moradias (seus jardins, fachadas e usos) e as do Estado, na forma de organização e direcionamento do uso e ocupação do espaço. A área estudada se encontra entre dois zoneamentos, ACP 1 e ZEIS (DOURADOS, 2025).

Por exemplo, a ACP 1 compreende Segundo o Plano Diretor de Dourados, a “Área Central Principal” da zona urbana — áreas centrais consolidadas com uso intensivo, tanto comercial quanto de serviços. Neste tipo de zona, o controle urbanístico é mais rígido, privilegiando adensamento, mix de usos e infraestrutura urbana madura enquanto a ZEIS compreende uma maior flexibilidade urbanística, regularização de áreas ocupadas/vazias, foco na população de baixa renda e por fim isto condiciona a ocupação e reforça características no design urbano.

Antes de prosseguirmos na próxima seção é fundamental explicarmos dois conceitos: o de permanências e o de continuidades. O primeiro refere-se à manutenção de elementos físicos, formais e simbólicos ao longo do tempo, mesmo diante de transformações sociais, culturais e urbanas. As permanências dizem respeito aos traços que resistem, como traçados urbanos, materiais e tipologias arquitetônicas que permanecem reconhecíveis na Paisagem.

Já as continuidades se manifestam na adaptação progressiva desses elementos, mantendo um fio condutor que conecta passado e presente, como soluções construtivas, estéticas e funcionais que evoluem sem perder sua essência.

Prédios por exemplo são elementos com grande durabilidade dado a natureza de propriedade (com múltiplas unidades e donos), e por isso, ao contrário de casas térreas de alvenaria ou madeira, a continuidade é assegurada na Paisagem. Árvores frutíferas (principalmente mangueiras) são bem antigas e formam conjuntos densos.

Por último, é importante frisar, que a interpretação da Paisagem nos aproxima da tradição fenomenológica e humanista em Geografia. Amparando-se no conceito de topofilia, desenvolvida por Yi-Fu Tuan (2012), os lugares ganham densidade e afeto à medida que são vividos, revisitados e reconhecidos. Cada rua, sombra ou esquina, torna-se depositária de uma memória coletiva e sensorial que

está presente em nossa análise das camadas. Nesse sentido, a hodologia permite captar não apenas os deslocamentos, mas também os gestos, olhares, silêncios e encontros que definem a experiência hodológica.

Constituição e análise da Paisagem Vernacular na Vila Alvorada

Predominantemente residencial com características mistas, incluindo áreas de serviços com diversificação de comércios intraurbano (serviços e apoio, mercadinhos, lanchonetes, pequenas casas comerciais). Coexistem, lado a lado prédios, pequenos residenciais para estudantes (*kitnets*) e casas padrão (Fig.2)². Na ausência de uma praça tradicional³, os serviços de “praça” são diluídos nas conversas entre vizinhos nas calçadas e nos bares.

Figura 1- Conjuntos de *kitnets* “para morar” e pequenos apartamentos de 1 ou 2 quartos. Estudantes à vista. A proximidade com universidades e escolas técnicas atrai uma população estudantil em busca de moradia acessível, e a arquitetura desses imóveis traduz essa demanda: construções compactas, de alta rotatividade e voltadas sobretudo para aluguel



Fonte: Autor, 2024.

² A casa padrão é parte da linguagem do mercado imobiliário e pode variar de região a região. No caso de Dourados- MS, o que se averiguou foi que se tratam de moradias com 2-3 quartos e área de no mínimo 60m².

³ A praça com maior circulação na região é conhecida como CEPER e fica dentro do BNH, um conjunto habitacional da década de 1980. Como é referente à um período anterior (também outro tipo de parcelamento e natureza de projeto), optei por excluir da análise final.

A área encampa a conexão com a rodovia (Avenida Guaicurus), as avenidas Marcelino Pires e Weimar (Fig.1). Em termos de estruturação geral, trata-se de chácaras redivididas como parte da antiga Fazenda Alvorada (anos 1900). Elas seriam transformadas, com lotes regulares e a típica malha xadrez na década de 1950. São Lotes imediatos à área central, orientada pelo eixo Marcelino Pires e Weimar Rodrigues.

As casas de comércio se distribuem internamente pelos bairros tanto nas vias principais quanto nas secundárias (característica de Dourados). Nos trajetos, existem casas com anúncios das mais variadas profissões; cabeleireiros, artistas gráficos, professores particulares, costureiras.

Essa área é oriunda do período de expansão do município, onde foram adicionados novos loteamentos e reconectadas áreas de expansão do centro próximo (décadas de 1970-1980)⁴. Antigo reduto de chácaras transformadas em loteamentos durante a década de 1930, reconvertidas ao longo do tempo em áreas de média densidade. É possível observar lotes redimensionados e particionados ao longo tempo. O próprio cadastro municipal aponta: chácaras 1, 2...3 (CADASTRO MUNICIPAL, 2022). Há muitas edificações em madeira, testemunhos de antigos limites da área urbana, assim como casas de comércio antigas que demonstram a pátina do tempo.

O padrão construtivo de casas avarandadas divide espaço com residenciais de kitnets e prédios de 4 a 10 pavimentos⁵). Presença constante nas cidades brasileiras, as edificações envidraçadas e casas-fortaleza também estão presentes. Lotes fundos permitem edículas e garagens, que são retrabalhadas como pequenas oficinas ou depósitos de entulhos. Há alteração clara no perfil etário e social, circulam pelo mesmo espaço, jovens estudantes, senhoras de idade e trabalhadores na lida diária.

⁴ Houve um grande crescimento populacional neste período, principalmente com chegada de migrantes de outros estados. É neste contexto que Dourados se consolida definitivamente como centro regional do sul de Mato Grosso do Sul (DOURADOS, 2015).

⁵ Herança do antigo gabarito construtivo presente na legislação do município desde a década de 1970 e foi um dos fatores que limitaram a multiplicação de torres e tenha favorecido o espraiamento.

Figura 2 - Árvores frondosas indicam passagem do tempo. Engloba os seguintes bairros: Jardim Tropical e parte da Vila Aurora, e da região vila Universitária, o Jardim Clímax) e São Francisco. Parcial do conjunto de visto de cima. Trecho Jardim Tropical e Vila São Francisco.



Fonte: Autor, 2024.

Nas vias arteriais principais (rua Monte Alegre e avenidas) onde competem pedestres, bicicletas e motoristas. Já as secundárias são pouco percorridas, salvo nos períodos de deslocamento do trabalho/escola/faculdade. Moradores transitam à procura dos serviços, pais com carrinhos de bebê e pessoas conversando nas calçadas. É possível observar este tipo de “vida” a despeito da baixa quantidade de pedestres. Vale destacar que inexistem vielas, e são poucos os caminhos de peão⁶.

As calçadas estendidas ou ampliadas (Fig.4 e 5) obrigam a quebra dos ritmos dos veículos (a rua é mais estreita) e embora a qualidade do passeio em muitas delas não estejam longe do ideal, adicionam à diversidade do tecido urbano. É comum observar pessoas sentadas na frente de suas casas compartilhando tereré.

⁶ Por exemplo, vizinho ao conjunto estudado, o Parque Alvorada apresenta uma rede de vielas importantes, com uma dinâmica de circulação diferenciada. Isto adiciona à experiência do pedestre.

Figura 3 - Boom de Galerias. Funcionalidade e atratividade. O apelo estético com o “novo” rico do mundo árabe é presente na cidade. É um contraste com casas de comércio tradicionais



Fonte: Autor, 2022, 2024 e 2025.

Um novo tipo de “espécie” tem se tornando cada vez mais comum na Paisagem da cidade e na área estudada isso não é diferente. Trata-se das galerias de comércio contemporâneas (FIG.4), envidraçadas, com referências no mundo árabe ou inspiradas na estética do novo-rico (CAMPOS NETO, 2016). Elas chamam a atenção por repetirem um padrão de 3 ou quatro lojas com dois andares (ou mezanino). O mercado imobiliário é ávido por estas edificações que se tornaram comuns na cidade, já que incorporam estacionamento próprio, item imprescindível em cidades baseadas na primazia dos carros. Como estarão daqui a vinte anos?

De acordo com Gressler e Swansson (1988) houve, ainda na primeira metade do Séc.XX um forte incentivo ao plantio de árvores na área central e proximidades. Estas decisões no passado refletem a cidade hoje, como podemos observar no conjunto de imagens do trabalho estamos de tratando de uma arborização efetiva. Ponto que rendeu ao município a participação no ranking de Vias arborizadas do IBGE (DOURADOS NEWS, 2025). É bem mais agradável o caminhar de uma tarde ensolarada na companhia de uma arborização adequada.

Figura 4 - Aspectos do interior do bairro. Jardim Tropical. Sombra de árvores. Em tardes quentes, é comum que moradores tomam tereré na frente de seus lares. A Calçada faz a vez de praça. Aspectos do loteamento e arborização. À direita, casas padronizadas de dois quartos: repetição



Fonte: Autor, 2023.

Calçadas com recuo de 20m são comuns e alternam com outras com o convencional recuo de 10 metros (Fig.4 e 5). Tais escolhas ressaltam a importância da forma urbana, especificamente na diversidade das formas urbanas. Em termos meramente funcionais e economicistas se traduz com uma escassez de espaço construído, mas que em termos de qualidade do espaço urbano é um elemento de quebra na monotonia⁷ É necessário observar para além do adensamento e para a constituição de uma Paisagem.

⁷ Vale ressaltar que Dourados é uma cidade relativamente plana e o traçado axadrezado predomina em toda a cidade, ou seja, já leva naturalmente à homogeneização.

Figura 5 - Aspectos da rua de calçada estendida. Lados opostos, calçada padrão x calçada estendida. O senso de ordem originado da sequência de árvores. Calçadas com recuo maior permitem o desenvolvimento de um conjunto verdejante e são importantes com área de respiro em uma cidade com um verão quente e seco.



Fonte: Autor, 2002, 2024.

Outros elementos de diversidade: confluência de edificações antigas e novas. Até o calçamento em má condição também abre possibilidades para jardins espontâneos (Fig.5 e 6). Porém, este anti-passeio é comum, principalmente em cidades médias. Como aponta Risério (2019), [...] as calçadas são espaços de dificuldades para os pedestres brasileiros, pois há um descuido associado à falta de fiscalização e planejamento por parte das prefeituras. É esse que denomino de “anti-passeio” (RISÉRIO, 2019, adaptado). Tal anti-passeio obriga o pedestre a transitar diretamente pelas ruas, cortando parte de sua conexão visual com fachadas e jardins.



Figura 6- Mobiliário atrai os vizinhos e parentes. O morador não quis pensar na questão da segurança ou na depredação, apenas manteve os bancos que aos finais de semana agrupam os moradores. Na segunda imagem: “jardins espontâneos”.



Fonte: Autor, 2024.

Jardins e seus ornamentos dão a sensação de um lar⁸, pois revelam o cuidado individual e coletivo com o espaço vivido. Esses elementos, embora muitas vezes discretos, expressam gestos cotidianos de pertencimento e transformação que são caros na análise da Paisagem Vernacular. Uma árvore frondosa plantada em frente à casa, pequenos ornamentos dispostos junto ao muro assim, como imagens de Santo funcionam como marcas simbólicas que comunicam afeto, memória e sociabilidade (Figs.7 e 8). Seria a conexão que propõe Yi-Fu Tuan (2012), em que os lugares ganham densidade emocional à medida que são vividos e modificados pelos sujeitos; nesse sentido, tais arranjos cotidianos contribuem para converter o espaço em lugar — e a habitação em lar.

Figura 7-Edificações em Madeira Permanências na Paisagem: Casa de madeira mista na rua
Ciro Melo em lote visto de cima.

⁸ Durante a pesquisa ficou muito evidente a relação dos moradores com seus jardins. Estarão mais à vontade em falar sobre o bairro (e responder perguntas), quando seus jardins são elogiados!



Fonte: Autor, 2023.

Entre o tráfego mais pesado da Rua Monte alegre e as ruas laterais há uma área de desconpressão, de diminuição ou quebra do ritmo. Trata-se das ruas com calçada estendida e maior arborização. A Morfologia urbana e a dimensão dos lotes (Fig.7) quase “chácaras” (denominação cadastral, inclusive) poderão sofrer uma maior pressão por verticalização nos próximos anos.

Figura 8- Grafittis em hubris urbanas. Aspecto das ruas interiores. Pequenos enclaves. Rua João Vicente Ferreira. Jardins que se estendem na Calçada. Elementos da diversidade intra-bairro.



Fonte: Autor, 2023, 2025.

Diversas casas residenciais oferecem também serviços, muitos deles são no mínimo, chamativos, na tradição do “pare e me veja” que refletem aspectos que vão do Marketing da Paisagem (comercial, chamativo) até elementos singelos e artesanais nas moradias (ALEXANDER, 2011). Os tradicionais bares de bairro, comuns em áreas suburbanas também estão presentes.

Figura 9 - Comércio local. Variações – casas tradicionais de comércio/bares e mercearias e conveniências contemporâneas.



Fonte: Autor, 2024.

As chamadas conveniências se tornaram presença marcante na Vila Alvorada e em diversos bairros de Dourados. Como o próprio nome sugere, trata-se de espaços voltados para a praticidade: pequenos comércios que oferecem bebidas, lanches rápidos e um ambiente simplificado para o encontro. Seu crescimento recente está associado tanto à diminuição das casas noturnas tradicionais — fenômeno ligado a fatores geracionais e financeiros — quanto à mudança nos modos de consumo do público jovem, em especial o universitário.

Em vez de pagar entradas caras ou consumir em bares mais estruturados, muitos optam pelas conveniências como estratégia de baixo custo: comprar cervejas ou destilados e permanecer no espaço aberto, nas calçadas ou mesmo levar para casa e prolongar o encontro em ambientes privados. Essa forma de sociabilidade impacta diretamente a paisagem do bairro, pois transforma a

calçada em extensão do comércio e reativa esquinas antes pouco frequentadas, criando novos pontos de encontro.

Se, por um lado, esses espaços revelam a precarização do lazer urbano e a mercantilização de relações sociais, por outro, também produzem vitalidade, encontros casuais e formas alternativas de ocupar a cidade. São pequenos marcos de um urbanismo vivido, revelando como os indivíduos redefinem o bairro segundo suas próprias possibilidades e limites econômicos⁹.

Considerações finais

Em a *Linguagem da Paisagem* (1998), a arquiteta e urbanista Anne Spirn defende a criação de uma gramática para compreender a Paisagem, uma leitura possível que aja como processo educador, que metaforicamente seria entendido como um idioma. Ela enxerga no abandono do ensino das artes e literatura em nome da funcionalidade da vida contemporânea uma ameaça à compreensão desta “linguagem”.

A Paisagem Vernacular da Vila Alvorada, como revelado ao longo deste estudo, expressa uma complexa combinação de permanências, continuidades e transformações. Por meio da experiência hodológica — caminhar, observar e escutar — foi possível acessar camadas da cidade que escapam às leituras puramente técnicas ou cartográficas.

Os bairros analisados revelam traços persistentes de sua origem rural (como o traçado xadrez, as edificações em madeira, os quintais amplos e as árvores frutíferas), ao mesmo tempo em que abrigam novas lógicas urbanas, como a verticalização, a instalação de galerias comerciais e a presença de kitnets voltadas ao público universitário. Essa coexistência de formas urbanas, usos e significados atualiza a paisagem e evidencia um tecido urbano denso de sentidos.

A cidade, nesse contexto, se apresenta como espaço educador, onde a vivência cotidiana — nas calçadas, sombras, bares e conversas entre vizinhos — ensina sobre pertencimento, memória e uso do espaço na linha ambicionada por David Harvey (2014), o direito à cidade se constrói também nos pequenos gestos,

⁹ O público jovem das pequenas kitnets e repúblicas do bairro pertencem majoritariamente à geração Z, marcada por uma incerteza financeira (MORROW, 2025).

nos arranjos espontâneos de jardim, no banco deixado na calçada, nos traços do cuidado cotidiano.

Como afirmou Jiro Taniguchi, “[...] quando caminhamos devagar, podemos descobrir coisas fugidias (2019, p.3)”. Esse ritmo permitiu neste trabalho reconhecer o valor das pequenas permanências, dos encontros silenciosos, das sombras projetadas pelas árvores antigas, e da linguagem silenciosa inscrita nas fachadas e nas rotinas.

Em última instância, o Vernacular urbano é expressão da busca pelo lar e pelo lugar. Compreender suas nuances é essencial para projetar cidades mais humanas, que respeitem a memória coletiva, os ritmos do cotidiano e os gestos de pertencimento que tecem, pouco a pouco, a gramática da paisagem.

A paisagem Vernacular, portanto, não é apenas o resultado de uma ocupação funcional do solo, mas um campo simbólico, afetivo e sensorial, constituído de lares, práticas e modos de habitar.

Referências

ALEXANDER, D. **Spetacular Vernacular**. Minneapolis: Walk Art center, 2011.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. A centralidade regional de uma cidade média no estado de Mato Grosso do Sul: uma leitura da relação entre diversidade e complementaridade. In: OLIVEIRA, Hélio Carlos Moreira de; CALIXTO, Maria José Martinelli Silva; SOARES, Bruno Ribeiro (orgs.). **Cidades médias e região**. São Paulo: UNESP/Cultura Acadêmica, 2017. p. 57–100.

CAMPOS NETO, Caio Santos. Imaginário de luxo e mercado imobiliário na paisagem urbana de São Paulo. **Revista Labverde**, Cuiabá, v. 9.

CORDEIRO, G.I; CACHADO, R.A; PEREIRA, P.P. **Bairros de Lisboa a três vozes: conceitos e práticas em antropologia e etnografia urbana**. In: PASSAMAMI, G; BRUM, A. (org.) Urbanidades em movimento: Etnografias do cotidiano em diferentes escalas e cidades. Editora Pedro e João, São Carlos, 2024.

DOURADOS NEWS. Dourados é a quinta com mais trechos arborizados de vias com calçadas. Dourados News, 2025. Disponível em: <https://www.sulnews.com.br/noticia/6648/navirai-ms/brasil/dourados-e-a-quinta-com-mais-trechos-arborizados-de-vias-com-calcadas.html> acesso dia 01 de agosto de 2015.



DOURADOS. **Legislação Municipal**. <https://portal.dourados.ms.gov.br/>. Acesso em: 12 mar de 2025.

DOURADOS. Síntese Histórica. Disponível em: <https://portal.dourados.ms.gov.br/index.php/sintese-historica/> . Acesso em: 31 mar. 2025.

FRANK, B; YAMAKI, H . Reflexões e Diretrizes para o Estudo da Paisagem Vernacular. Ateliê geográfico (UFG), v. 15, p. 146-161, 2021.

GRESSLER, L; SWENSSON, L. **Aspectos Históricos do povoamento e da colonização do Mato Grosso do Sul**. Sem Editora: Dourados, 1988.

GROTH, P. Reading the Landscape. In: **Understanding ordinary landscapes**. GROTH,P;BRESSI, T. New Haven: Yale University Press, 1997.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

MORROW, Allison. Geração Z passa por dificuldades financeiras, apesar de ter herdado um mercado de trabalho "de ouro". **CNN Brasil**, Nova York, 10 abr. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/geracao-z-passa-por-dificuldades-financeiras-apesar-de-ter-herdado-um-mercado-de-trabalho-de-ouro/> . Acesso em: 10 de julho de 2026.

RISÉRIO, Antonio. **Pobres pedestres**. *Vitruvius*, São Paulo, ano 19, n. 217, 2019. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/19.217/7072>. Acesso em: 17 mar. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 1996.

SPIRN, A. **The Language of Landscape**. New Haven e Londres: Yale University Press, 1998.

TANIGUCHI, J. **O Homem que passeia**. Entrevista de Jiro Taniguchi por Jean-Phillippe Toussaint. Editora Devir: São Paulo, 2019.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. Londrina: Eduel, 2012.